

Meu encontro com Emilio Rodrigué

Jairo Gerbase

Eram os anos de chumbo (*anni di piombo, années de plomb, years of lead, "Die Bleierne Zeit", años de plombo*). As traduções querem indicar que estes anos não se limitam ao Brasil, mas a grande parte da Europa Ocidental e ao Cone Sul.

Por aqui não se podia reunir em grupos, sobretudo políticos. Os militantes eram clandestinos. O disfarce consistia em se reunir em associações de classe.

Bruno nos lembra disso. Vocês leram o "Diário de Bruno"?

Assim foi fundada a Associação Psiquiátrica da Bahia [APB] sob a direção de Luiz Umberto Ferraz Pinheiro. Nos hospitais psiquiátricos enquanto se praticava a psiquiatria se fazia militância disfarçada nos escritos dos antipsiquiatras: Ronald Laing, David Cooper, Erving Goffman, entre outros.

Os psiquiatras baianos tentavam se organizar para iniciar uma formação psicanalítica. Houve uma primeira iniciativa individual por intermédio de Josiceli Freitas, psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, que não durou muito tempo. Uma segunda iniciativa deveu-se a Carlos Pinto Corrêa que funda em Salvador a formação psicanalítica do Círculo Psicanalítico da Bahia, que permanece até nossos dias e já comemora quinquagésimo anos. A terceira iniciativa foi a criação do Núcleo de Estudos Psicoterápicos [NEP] que embora não tenha durado muito tempo deu partida a organização de mais de um dos grupos analíticos em vigência na cidade nos dias atuais.

Neste contexto chega à Bahia Emilio Rodrigué, convidado de Sílvia Andrade por intermédio de Mestre Didi e Juanita Elbein, para fazer uma exposição sobre Comunidade Terapêutica na Casa de Saúde Ana Nery, então dirigida por Aurélio Souza.

Rodrigué tivera uma experiência na Comunidade Terapêutica de Austen Riggs da qual resultou seu livro: "Biografia de uma comunidade terapêutica".

Ao mesmo tempo, no Hospital Juliano Moreira onde havíamos iniciado com a praxiterapia orientada por Rosa Garcia, começamos uma comunidade terapêutica sob a direção de Venâncio Azevedo.

O mentor desta experiência era o psiquiatra Osvaldo dos Santos que dirigia uma comunidade terapêutica no Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro.

Rodrigué nos ensinou o grupo operativo; apresentou-nos a pesquisadores do tamanho de Erickson, Rappaport, Grinberg, Pichon-Rivière, entre outros.

Rodrigué chegou à Bahia questionando a psicanálise e suas instituições. O ambiente era favorável. No Rio de Janeiro contávamos com questionamentos semelhantes liderados por Hélio Pelegrino e Eduardo Mascarenhas, membros da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

A coletânea “Questionamos” a psicanálise e suas instituições nos apresentou a diversos psicanalistas engajados, entre eles a Tato [Eduardo Pavlovsky].

Sempre retive da leitura do artigo de Rodrigué nesta coletânea a proposição: “há um atuar pensante” que até hoje não sei se entendi. Estávamos habituados a pensar a atuação como comportamento. Depois de Lacan ter dito que a repetição é de significantes achei que havia entendido a frase de Rodrigué.

Rodrigué conhecia Lacan por intermédio de um debate bem humorado que estabeleceu com Oscar Masotta quando o segundo escreveu “Um psicoanálisis para Rodrigué”.

Não me lembro mais o sentido de sua crítica a análise que Lacan fizera do sonho de Anna Freud: “Anna, cerejas, morangos, framboesas, pudim”, não sei se se tratava de um debate sobre a demanda e a necessidade.

Em outra oportunidade disse de público que encontrava um traço comum entre Rodrigué e Lacan. Eles entraram nessa canoa furada de questionar a IPA [International Psychoanalytical Association] porque foram provocados.

Eu fiquei verdadeiramente fascinado em encontrar um autor de quem eu já tinha lido a “Biografia de uma comunidade terapêutica”, “A psicoterapia de grupo” organizado por Mimi [Marie Langer] e “Análise de um esquizofrênico, com mutismo, de três anos de idade”, em “Novas tendências da psicanálise” de Melanie Klein.

Eu apreciava essa abordagem que na época se chamava de freudo-marxismo. Vem daí meu título. Lembrei-me do livro de Erick Fromm: “Meu encontro com Marx e Freud” e de todas as leituras que fizemos nesta direção de interpretar desde a psicanálise a sociedade capitalista.

Hoje não se questiona mais o capitalismo. Deu-se por sancionado. Mas, nos anos de chumbo não era bem assim.

Com base nessa suposição de saber atribuída a Emílio Rodrigué fui participar do primeiro laboratório terapêutico. Uma experiência memorável. A primeira regra que ele questionou foi a da neutralidade do psicanalista. Sabíamos da existência do psicanalista neutro: terno cinza, gravata da mesma cor, o automóvel escondido na garagem, o consultório sem decorações; nada que pudesse estimular a fantasia do analisando e interferir na livre associação.

Rodrigué se apresenta de sandália, bermuda e camisa estampada; às vezes, com uma latinha de Brahma na mão [nessa época, não existia Skol]. Isso em vez de ser negativo, ao contrário, nos ensinou que a abstinência do psicanalista deveria se colocar em relação ao saber; que a verdadeira neutralidade consiste em se apresentar diante do discurso do analisando com uma ignorância douda. Hoje, diria que se deveria escrever a regra da abstinência com base no Discurso do Analista [DA], isto é, o analista ocasionalmente fazendo de contas que é o objeto *a*. Assim, escreveríamos a abstinência dessa maneira: *a*-bstinência.

O laboratório nos ensinou, sobretudo o role-playing. A dramatização era um recurso radical na psicoterapia de grupo que ora chamávamos de psicodrama psicanalítico, ora de psicanálise psicodramática. Às vezes tínhamos de enfrentar um colega olho no olho e dizer verdades que não diríamos senão sob esta consigna.

Solicitei uma sessão individual de análise; ele me propôs um role-playing; improvisamos um divã com as almofadas; comecei a falar e, de repente, uma mosca passava diante de meu campo de visão; espantei a mosca real ou imaginária, não sei, com minha mão; ele me perguntou a quem eu queria matar [em outra oportunidade me disse que certa vez, estando em uma supervisão com Melanie Klein, tentou matar uma barata, o que ela interpretou com seu desejo inconsciente de matá-la].

Solicitei novamente uma sessão individual de análise; ele me propôs um encontro no *Le Privé*, um bar no Farol da Barra; pediu um gin tonica; conversamos; ele recusou me tomar como analisando individual.

Quando, seis meses depois, quero crer, atendi seu convite para uma entrevista de seleção para um segundo laboratório, eu lhe informei que já estava em análise com Carlos Pinto. Ele me despediu imediatamente. Soube depois que Martha Berlin teria comentado: “como alguém ousa recusar uma oferta de um analista eminente como Emílio Rodrigué”?

Além de paciente de um primeiro laboratório, fui também co-terapeuta de outro, no qual um paciente, hoje jornalista notável, realizou, no sentido do verbo inglês *to realize*, sua inibição para escrever.

Eu mesmo tinha uma inibição para escrever e quando lhe perguntei: que devo fazer para escrever, ele me respondeu: escrever.

Depois reencontrei Emílio em diferentes oportunidades. Certa vez, em um encontro social, ele me disse: a inibição é um sintoma que nós dois jamais resolvemos.

Tenho certeza que nos tornamos bons amigos.